

# A preferência do público em relação aos recursos gráficos nos livros infantis para crianças na fase de alfabetização

D. S. Rotava<sup>a,b</sup>, M. Meürer<sup>b</sup>, A.Christoffoli<sup>b</sup>

<sup>a</sup>*daiara.rotava@gmail.com*

<sup>b</sup>*Programa de Graduação em Design Gráfico, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, Brasil*

## Resumo

*Este artigo apresenta a pesquisa realizada sobre o projeto gráfico de livros infantis para crianças entre 4 e 7 anos mas que podem ter idades variadas devido as diversas condições e estímulos de aprendizagem. Encontrase neste artigo a pesquisa, bibliográfica e de campo, referente ao assunto, norteadas pelo método indutivo. Para construção do referencial teórico, foram usados fundamentos de psicologia, pedagogia e design gráfico. Como pesquisa de campo foram realizadas entrevistas com pais, dinâmica com crianças e observação em livraria. Analisando as informações obtidas concluiu-se que o público apresenta preferência por livros interativos ou com inovações gráficas, evidenciando que tais recursos são relevantes para despertar o interesse pelo livro infantil. Este artigo é resultado do projeto de pesquisa da FAPESC em parceria com a Universidade do Vale do Itajaí.*

**Palavras-chave:** Livro Infantil, editorial, percepção infantil, design gráfico e interatividade.

## The public preference over the graphic resources in children's books to children in literacy phase

### Abstract

*This article presents research conducted on the graphic design of books for children ages 4 to 7 years, but which may have different ages due to various conditions and stimuli for learning. In this article there are the bibliographic research and the fieldwork, guided by the inductive method. For construction of the theoretical framework, fundamentals of psychology, pedagogy and graphic design were used. As fieldwork interviews with parents, children dynamic and observation in bookstore were performed. Analysing the information obtained it was concluded that the public has a preference for interactive books or graphic innovations, showing that such resources are relevant to improve the interest for children's book. This article is the result of the research project FAPESC in partnership with the University of Vale do Itajaí.*

**Keywords:** Children's book, editorial, infant perception, graphic design and interactivity.

## 1. INTRODUÇÃO

O problema de pesquisa deste artigo consiste em identificar os recursos presentes nos livros que podem despertar o interesse de crianças na fase de alfabetização, em média de 4 a 7 anos segundo Coelho [7], nos livros, os quais quando presentes se tornam uma atividade cultural divertida, e destacam o produto perante seus demais concorrentes. Os livros hoje concorrem com muitas outras atividades do dia-a-dia das crianças, mas mesmo com tanta diversidade, a leitura não perdeu sua importância e deve ser incentivada de forma prazerosa.

Para alcançar este destaque entre muitas atividades e muitos livros é preciso compreender o público alvo (crianças e pais), o que chama a atenção deste público, o que envolve e o que é mais valorizado. A produção de um livro infantil pode ir muito além de entretenimento, segundo Hendel [15] "o trabalho real de um designer de livro não é fazer as coisas parecerem legais, diferentes ou bonitinhas. É descobrir como colocar uma letra ao lado da outra de modo que as palavras do autor pareçam saltar da página".

Portanto, é indispensável à aplicação de conceitos de

design gráfico para o sucesso de um livro. Lins [20] afirma que o livro, sendo um produto de comunicação de uma sociedade plural deve buscar novos recursos de expressão, não se limitando apenas a ser minimamente bem escrito e ilustrado.

A atração visual aliada com uma função real podem se mostrar ferramentas valiosas para o auxílio de uma aprendizagem agradável e na formação de um gosto permanente pela leitura.

Pela importância do livro no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, pela competição com outras formas de entretenimento e também pela relevância do design gráfico ao atendimento das preferências e necessidades do público, justifica-se a elaboração desta pesquisa.

Os livros ainda se mostram a ferramenta mais usual na educação e apresentam níveis diferentes de eficácia na otimização da aprendizagem, entretenimento e atração das crianças. Estas diferenças em muitos casos se devem à elaboração do projeto gráfico e, portanto é de extrema valia estudar e compreender estes casos. E ainda pelo fator comercial, segundo Loturco [21] os livros infantis têm se

destacado muito nas vendas, chegando a representar 35% do mercado global de livros em 2003.

O objetivo de pesquisa é analisar a relevância do projeto gráfico no processo de escolha e uso do livro infantil por crianças em fase de alfabetização, bem como a preferência infantil pelos diversos componentes gráficos. Para atingir o objetivo será compreendido o modo de aprendizagem e de pensamento das crianças na fase de alfabetização, o que atrai e entretém as mesmas nos livros, o que facilita a leitura em termos de projeto gráfico, e o que é mais relevante para os pais ao escolher estes livros. Será utilizada a metodologia publicada por Lakatos e Marconi [19] para o desenvolvimento deste artigo.

O interesse em educação também vem se destacando nas prioridades dos brasileiros, que investem cedo na formação dos filhos. Os gastos com materiais escolares subiram 7,53% em 2012 em relação ao ano de 2010, segundo pesquisa do Data Popular, apresentada por Bruini [5]. E ainda, segundo a mesma pesquisa, afirma-se que a Classe A gasta 15% do seu orçamento com educação enquanto pessoas de baixa renda chegam a gastar 50% de seus orçamentos. A consciência da importância do estudo e da leitura vem se tornando senso comum. Moreira [25] indica que “Dados da CBL (Câmara Brasileira do Livro) e do SNEL (Sindicato Nacional dos Editores e Livros) revelam que o número de exemplares de títulos infantis produzidos no país cresceu 87% entre 2005 e 2010, saltando de 14,2 milhões para 26,5 milhões.”

Este grande crescimento na venda dos livros justifica-se por dois principais motivos segundo Kaper [18], o cenário econômico favorável no Brasil aliado aos livros de baixo custo vindos da China e Índia e o investimento público na literatura. E ainda afirma que as pessoas gastam mais com seus filhos do que consigo mesmas.

Como definição do público alvo para esta pesquisa, considerou-se as crianças em fase de alfabetização, que segundo Coelho [8], encontram-se na faixa de 4 a 7 anos, onde elas começam a sistematizar o aprendizado da leitura. Na reportagem da revista Carpegiani [6] são apresentados dados de que as crianças começam a preparar o cérebro para a alfabetização com 3 anos apesar de concretizarem o aprendizado apenas com 6 anos. Ainda assim vale ressaltar que este é um processo lento e contínuo que não pode ser delimitado por idades, principalmente no Brasil, onde 34% dos alunos que chegam ao 5º ano de escolarização ainda não conseguem ler, segundo Weisz [35].

Apesar disto desde os 4 anos as crianças já são capazes de identificar o que é um elemento figurativo de um não-figurativo, então apesar de não saberem ler elas sabem que aquele elemento é para ser lido, como observa Ferreiro [12]. A autora observa ainda que geralmente entre os 5 anos e meio e 6 as crianças de classe média já têm conhecimento das duas orientações tradicionais da leitura (da esquerda para a direita e de cima para baixo), enquanto apenas algumas crianças de classe mais baixa têm essa noção. Portanto estabelecer uma idade definida para a fase de alfabetização pode ser equivocado, pois, “a tão famosa maturidade para leitura-e-escrita depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a linguagem escrita do que de qualquer outro fator que se invoque”, segundo Ferreiro [12].

A idade também não é determinante para a vontade de ler, as crianças buscam em livros um apoio para o aprendizado, portanto tudo que facilitar a compreensão da leitura é de grande valia. E paralelo a isto, fazem do livro um momento de lazer, é justamente esta multifunção que é tão

valorizada pelos pais.

## 2. METODOLOGIA

Inicialmente este trabalho é classificado como exploratório, pois tem por finalidade buscar o que foi produzido sobre o tema nos últimos anos. A metodologia utilizada é o Método de Pesquisa apresentado por Lakatos e Marconi [19], pois compreende um procedimento de coleta de dados do problema abordado, sendo este o Método Indutivo. De acordo com Lakatos e Marconi [19], neste método devemos observar os fenômenos, estudá-los, compará-los, descobrir semelhanças e diferenças e por fim generalizar a relação e classificá-la.

O método indutivo adaptado para o artigo é composto das etapas descritas a seguir.

### 2.1 Coleta Documental

Fundamentação das principais áreas envolvidas: design gráfico, design editorial, pedagogia, psicologia infantil e desenvolvimento motor, da escrita e leitura das crianças. O levantamento destes dados foi principalmente, em livros, artigos, revistas e bancos de dados eletrônicos.

### 2.2 Pesquisa de Campo, qualitativa

Tem como objetivo principal interpretar o fenômeno que observa. Os métodos de contato utilizados foram:

#### 2.2.1 Entrevista com mães

Foram realizadas entrevistas com 5 mães que tem filhos entre 2 e 7 anos buscando compreender algumas particularidades dos interesses das crianças que as mesmas não conseguem verbalizar e a própria opinião das mães a respeito do momento de escolha dos livros.

O grupo foi selecionado de acordo com a disponibilidade em participar e a diversidade de classe social e atuação profissional. Destaca-se também que não são mães de crianças que participem da dinâmica que será descrita a seguir.

#### 2.2.2 Dinâmica com crianças

Realizada na Escola Aster® de Balneário Camboriú, com crianças entre 5 e 7 anos, totalizando 37 indivíduos. Foram observadas suas preferências visuais através de comentários, reações e respostas;

#### 2.2.3 Observação na Livraria Catarinense® de Balneário Camboriú

Local onde as pessoas agem de forma natural para estudo de suas escolhas. Esta livraria foi escolhida por ser a maior livraria da cidade e possuir um espaço especialmente dedicado para as crianças, a observação foi realizada durante um sábado à tarde devido à maior transição de famílias e ser o dia em que a livraria oferece o evento de “conto de livros” para crianças; sendo assim é certo a presença de mais crianças;

#### 2.2.4 Análise de 35 livros infantis

Selecionados pelas mães entrevistadas por serem os livros preferidos dos filhos e/ou pelas próprias crianças através de seus gostos, visando analisar as similaridades e variações entre o design dos mesmos, as inovações projetais, bem como o que está disponível no mercado hoje.

## 3. RESULTADO DA PESQUISA

Livros infantis são facilmente identificados pelas suas particularidades únicas. Para Necky [26] “o termo infantil, empregado em relação ao livro, refere-se mais a características e conteúdos adequados para uma noção de

infância socialmente construída do que, propriamente, àquilo que as crianças desejam ou algo advindo delas”.

Seja pelas ilustrações, cores ou formas, é possível distinguir um livro infantil dos outros tantos. No entanto essa linguagem classificada atualmente como infantil sofreu muitas mudanças com o passar dos anos.

Segundo Salisbury [31] os livros infantis apareceram apenas no século XVIII. Os primeiros livros ilustrados sofriam alguns percalços da tecnologia da época, até então muito precária. A preocupação com a aparência do livro era pouca, tanto que estes vinham com capas provisórias na expectativa de que o próprio leitor providenciasse uma capa mais duradoura.

Os livros passaram a ser vistos na Inglaterra como produto de consumo, e este produto necessitava de pessoas que pudessem usufruí-lo, ou seja, precisavam ser alfabetizadas; sendo assim os livros tinham um forte caráter pedagógico; segundo Powers [29].

Algo muito comum hoje já era vivido nesta época, os pais mostravam-se preocupados em educar e divertir os filhos, desta forma os livros eram vendidos junto com brinquedos. De acordo com Powers [29], em 1860 as capas tornaram-se mais elaboradas, com ilustrações, colagem de gravuras, alto e baixo relevo, tinta colorida e muitas vezes acabavam destoando muito da parte interna do livro, pobre no quesito gráfico.

Entre os anos 1830 e 1890 a qualidade gráfica melhorou bastante em questão de cores e reprodução mecânica, mas as ilustrações ainda seguiam uma estética bem adulta, já que as crianças eram vistas como pequenos adultos, segundo Powers [29].

Para Powers [29], “entre meados do século XVIII e a Primeira Guerra Mundial, houve uma enorme diversificação nos tratamentos dados ao projeto gráfico de livros para crianças, com uma inventividade que demorou a ser superada.” A guerra marcou um momento de transição dos livros, estes passaram a ter a sobrecapa como elemento mais elaborado, pois servia para proteger e indicar o potencial do livro ao leitor. Observa-se, portanto que a preocupação com a percepção do leitor e consumidor começava a ser notada.

Ainda segundo esse autor, “a partir de 1920, os editores se tornaram mais conscientes de que as vendas poderiam ser alavancadas com a aparência externa do livro”. Com o movimento *Arts and Crafts* veio à implicação de que o livro precisava ter uma unidade visual, que acompanhasse desde a capa até os elementos gráficos internos, tamanho da página, tipografia, ilustração e encadernação. Foi então que os livros começaram a se tornar cada vez mais parecidos com o que somos acostumados hoje.

O bibliotecário e crítico Marcus Crouch escreveu em 1962: “as crianças nunca tiveram, em casa, na escola ou na biblioteca pública, uma oferta tão boa de livros com estilo, inteligência e um ponto de vista original. Não é nada mau ser criança nos anos 1960”, segundo Powers [29]. Foi nesta época que as cores começaram a ser muito exploradas através do processo de impressão offset. Na década de 1970, os livros começaram a explorar o lado lúdico e divertido das histórias que antes eram muito focadas na criança cidadã.

A década de 1980 e 1990 é considerada por muitos a “idade de ouro” dos livros para crianças. Segundo Powers [29] “a década de 1980 presenciou uma expansão generalizada da ilustração, algo que estava em sintonia com o clima cultural nostálgico e com o surgimento de uma nova geração no final de 1970”. No entanto, junto com a proliferação dos livros infantis e da qualidade cada vez melhor de impressão veio a concorrência e ano após ano torna-se mais difícil um livro sem apelo de massa manter-se

nas prateleiras. Para Ponte [28] “no Brasil, a sofisticação do mercado editorial se deu principalmente na qualidade das ilustrações e da produção gráfica”.

### 3.1 A importância do livro infantil para o desenvolvimento das crianças

O livro infantil tem uma importância fundamental no desenvolvimento das crianças, tanto como cidadãs, como amantes da leitura e como mostra Coelho [8], como desenvolvedor psicológico, pois o cérebro nesta fase ainda é pobre de experiências e o livro se torna um decodificador da linguagem escrita. E ainda, tem papel de estimular o olhar, a atenção visual e a imaginação. O livro também é muito relevante na infância, pois como afirma Acuff [1], as crianças entre três e sete anos de idade ainda não possuem o lado esquerdo do cérebro (responsável pela lógica) tão ativo quanto o lado direito (responsável pela imaginação), buscando assim nos livros um apoio do lado lúdico para desenvolver o lado racional.

Além disto, ele diferencia-se de qualquer outra mídia como observa Zimmermann [36] pela sua característica física que dá ao leitor o poder de decidir o seu ritmo de leitura, observação e aprendizagem. O tempo gasto observando cada página e cada detalhe cabe unicamente à quem está manuseando o livro, bem como a possibilidade de ir e vir entre as páginas do mesmo. Esta possibilidade única dá ao livro infantil uma grande importância, pois esta fase da vida requer cuidados especiais com o aprendizado.

Quando se considera o livro um objeto não apenas de aprendizagem, mas também de entretenimento, observamos que a capacidade de ler é tão importante quanto a vontade de ler. Esta vontade pode ser estimulada das mais diversas maneiras, mas basicamente divididas em dois caminhos: conteúdo gráfico e conteúdo teórico. “Não é somente o que o autor escreve num livro que vai definir o assunto do livro. Sua forma física, assim como sua tipografia, também o definem. Cada escolha feita por um designer causa um efeito sobre o leitor”, segundo Hendel [16]. Prova-se então a importância de um projeto gráfico bem elaborado para o sucesso e qualidade dos livros infantis.

É necessário sempre levar em consideração que “um produto feito para o público infantil é selecionado e escolhido por adultos”, segundo Lins [20], ainda que estes estejam conscientes de que o livro vai ser destinado a crianças os motivadores de compra são bem diferentes do que se fossem diretamente escolhidos por crianças, e é muitas vezes nesta transição que o livro assume um papel de tarefa escolar ao invés de objeto de prazer. Mesmo assim também é importante considerar que cada vez mais as crianças têm um grande peso nas decisões de compra, como Acuff [1] diz, as crianças nunca tiveram tanto poder de compra como agora.

Os livros infantis apesar de serem direcionados para as crianças são feitos por adultos como observa Meireles [23], tratam de temas que os adultos julgam importantes e interessantes para os pequenos, bem como a forma que estes serão apresentados. Outro ponto que a autora questiona é o quanto há de criança no adulto para que este possa se comunicar com a infância e quanto há de adulto na criança para que esta aceite o que os adultos estão oferecendo.

Paralelo à opinião da importância do livro para a alfabetização e formação cultural da criança, existe outra opinião de que “os livros, na verdade, são apenas uma maneira de gastarmos nosso dinheiro disponível e por isso eles devem ter um elemento de sedução”, segundo Fawcett-Tang [11]. Apesar de esta opinião ser contraditória e superficial, a maioria dos outros autores concorda com a importância da existência de um elemento que encante o

público.

### 3.2 Componentes do Projeto gráfico dos Livros Infantis

As crianças muito pequenas ainda não têm noção da diferença entre livros e brinquedos. Sendo assim, o cuidado com a produção gráfica do livro é essencial para que este seja durável e adequado ao manejo de uma criança. Além disto, existem outros cuidados que se repetem com frequência em livros infantis, como Lins [20] indica, cores vivas, ilustrações e pouca massa de texto geralmente estão presentes, a fim de atender o público.

São nestes livros também que mais se encontra um jogo sinestésico, envolvendo mais de um sentido da criança, pois ainda é uma fase onde os sentidos precisam ser explorados e desenvolvidos. Dondis [9] afirma que a primeira experiência que uma criança passa em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil, o que inclui os cinco sentidos. Além de ser importante para o desenvolvimento das crianças, este é um atrativo: “os pequenos leitores adoram interagir com o objeto livro, manipular ou passar a mão na textura das folhas”, segundo Romani [30]. Como por exemplo, o livro “*That’s not my bunny*” (figura1), que possui uma textura diferente em cada página.

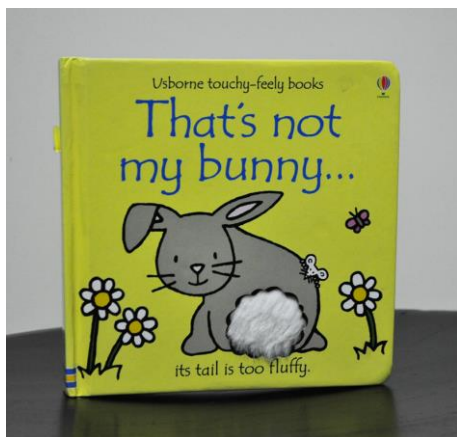


Figura 1: Capa com textura.

O livro é considerado por Gomes Filho [13] um produto de alta complexidade com uma elaboração consequentemente complexa; pois requer uma organização diagramática, processos de impressão, produção e montagem incluindo toda a lógica cognitiva do produto. Existe no livro como em qualquer outro objeto a função estética e a função simbólica. Sendo elas a função estética a organização visual segundo as leis da Gestalt e a função simbólica os valores culturais, emocionais, políticos, sociais e econômicos.

Na função simbólica do livro é interessante a observação de Fawcett-Tang [11] comentando que em um mundo cada vez mais descartável os livros representam a permanência e a continuidade além de trazerem um prazer tátil único e que irá assegurar sua longevidade.

Nos livros infantis, o conteúdo gráfico geralmente é explorado pelo uso da ilustração deixando a parte textual com uma participação mais sucinta como um complemento fundamental para a compreensão da mensagem passada pela imagem. Pouco foi estudado à respeito da relação das crianças com texto e imagem mas sabe-se que “não é possível ler ao mesmo tempo em que passamos os olhos pelas imagens”, segundo Necyk [26]. Então já que ambos são fundamentais para desenvolvimento de uma história concisa, é interessante integrá-los tornando o texto mais imagem. “Na

diagramação do texto passam a ter importância o que está escrito e como está escrito”, segundo Lins [20]. Como no exemplo citado por Salisbury [31], no Conto de Lewis Carroll, O Rato (figura 2), onde o texto toma forma visual.

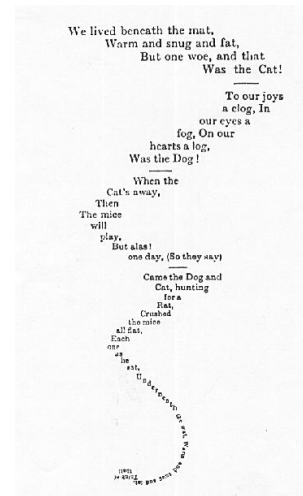


Figura 2: O Rato.

Coelho [9] sugere uma conciliação entre imagem e palavra, mas reforça que a mensagem visual deve se fazer acompanhar de um texto condutor. Para Necyk [26] o uso da tipografia é uma das formas de dirigir a recepção do texto e integrá-lo ao contexto visual da página. Em alguns casos, o texto, ou a mancha gráfica, pode funcionar como imagem, através de recursos tipográficos dispostos de uma maneira peculiar na página.

Mas observando por outra perspectiva Vygostky [34] afirma que quando a criança aprende a escrever ela descarta todos os outros sistemas que utilizava antes e passa a tentar usar esse novo sistema em qualquer situação; portanto para ela é de suma importância a ênfase da tipografia. “O texto e a imagem juntos dão ao leitor o poder de criar na sua cabeça a única história que realmente interessa. A história dele”, segundo Lins [20].

E ainda existe a possibilidade de explorar a parte gráfica do livro como um jogo ou “brincadeira”, tornando o livro envolvente e atraente suficiente para facilitar e incentivar a leitura; além de contribuir no marketing de venda do produto. Acuff [2] apresenta o dado de que crianças entre seis e oito anos amam ganhar acima de qualquer outra coisa brinquedos, este dado é muito relevante na hora de projetar um livro. Entra em questão aqui a preocupação com a capacidade motora da criança em manusear o livro, na reportagem da revista Crescer (2012) observa-se que as crianças desenvolvem o córtex frontal, responsável por esta área no cérebro, na fase de três a cinco anos.

A infância é lembrada pelos adultos como a fase de jogo, fantasia, surpresa... essa visão vem do período entre 3 e 7 anos, onde a essência da vida são a diversão e os jogos, como explica Acuff [1]. O livro “Brincando na Fazenda” (figura 3), por exemplo, traz pecinhas de imã para a criança brincar enquanto usa o livro.

Em relação às cores, Vygostky [34] analisa os experimentos de Katz que mostram que uma criança de três a seis anos pode ignorar as formas e ter preferência acentuada pelas cores. Acuff [2] afirma que o uso de negrito e de cores vibrantes são infalíveis para agradar as crianças. E Farina [10] diz ser a cor vermelha a mais coerente com as crianças entre um e dez anos, pois é a idade da espontaneidade e efervescência.

Existem outras defesas das cores brilhantes, entre elas a feita por Acuff [1], segundo ele as cores vermelha, azul e amarela brilhantes, são as que mais chamam a atenção das crianças, que até os sete anos são muito visuais para conseguir compreender e interessar-se pelo que se está apresentando para eles. Farina [10], explica que com o passar do tempo o cristalino do olho humano vai tornando-se amarelo mudando a percepção das cores, sendo assim, os jovens preferem cores fortes e Blessa [4], afirma que as crianças são atraídas por cores primárias (vermelho, azul, amarelo e verde).



Figura 3: Livro com peças de imã

Ainda a respeito das cores, é interessante observar que trazem consigo um elemento emocional, que opera em um nível instintivo, mas que também é influenciado pela sociedade e cultura, segundo Samara [32].

Em suma, o projeto gráfico é composto pela escolha correta da tipografia, formato do livro, composição de layout e escolha dos elementos gráficos. Quando se começa a pensar em formato deve ser levado em consideração o público que irá manuseá-lo e onde isto vai acontecer, por exemplo: serão as mãos pequenas da criança? Ou serão as mãos dos pais lendo um conto de ninar? O livro será explorado sob uma mesa, no chão ou nas próprias mãos? Também é importante pensar o que o formato vai passar para o leitor, “o formato desempenha um papel muito importante na maneira como uma publicação é experimentada; seu tamanho e contornos são o pano de fundo para o conteúdo e as sensações que ele causa no leitor”, segundo Samara [32]. Romani [30], por exemplo, apresenta uma observação sobre a percepção mais delicada e meiga que se tem por formatos menores, por exemplo. “A riqueza do livro infantil não está apenas no design da página, mas também no seu aspecto tridimensional, já que é um objeto”, segundo Necyk [26].



Figura 4: Coleção “Gira-Gira”

Estas questões são essenciais ainda no pré-projeto pois irão interferir em todo o resto da elaboração gráfica. Principalmente na interação imagem-texto; formatos mais inusitados irão proporcionar naturalmente diagramações

mais diferentes e chamativas. A coleção de livros “Gira-gira” (figura 4), é no formato redondo.

O formato mais comum encontrado entre os livros infantis é o quadrado. Segundo Necyk [26] a possível explicação para isto seria o fácil reconhecimento e associação para as crianças desta forma básica além da proporção entre altura e largura que geram um espaço diferenciado para a composição do layout.

A organização visual dentro de um projeto gráfico busca sempre a otimização da forma, Hurlburt [17] indica que os arqueólogos têm encontrado provas de um senso de organização e gosto pela proporção desde as primeiras civilizações. Segundo Tolmer (*apud* Hurlburt [17]) “tal como caminhar numa corda de acrobacia, a arte do layout é a arte do equilíbrio.” Sendo o layout o conjunto e organização de todas as formas visuais, cabe ao designer “descobrir como colocar uma letra ao lado da outra de modo que as palavras do autor pareçam saltar da página”, segundo Hendel [15]. A arte de fazer um bom layout é fundamental, “o público pode até ser seduzido por novos truques de impressão ou por uma fotografia vistosa, mas se o conteúdo for mal organizado, visualmente difícil ou cansativo, o material será abandonado”, segundo Samara [32].

Ainda a respeito do layout, Haslam [14] afirma que nos livros baseados em imagens as páginas são projetadas para serem vistas como um todo, onde o texto participa como elemento ilustrativo. De acordo com Nodelman [27] a localização do texto e das imagens influencia na leitura; sendo assim, uma forma de induzir esta leitura é pelo equilíbrio ou contraste visual de cada página do livro.

Segundo Romani [30] a linguagem visual da ilustração define o ritmo narrativo. Ilustrações com mais ou menos detalhes ou cores podem requerer mais tempo de atenção em uma mesma página ou gerar uma ansiedade maior pela próxima parte. O estilo, como afirma Gomes Filho [13], é subordinado ao seu público alvo de acordo com o contexto cultural e as tendências da época vivida e irá denotar ou conotar variadas mensagens por meio de função simbólica. Acuff [2] indica que o uso correto dos ícones típicos dos *cartoons* é uma grande ferramenta para atrair as crianças, comenta ainda que de 3 a 8 anos os gráficos mais atraentes são aqueles dinâmicos e divertidos com cores de alto contraste. Como mostra Zimmermann [36] são as ilustrações que fascinam as crianças, e na maioria das vezes elas só se decidem pela compra ou leitura de um livro após terem observado as figuras que este contém.

Coelho [7] apresenta o resultado de pesquisas ligadas a pedagogia que provaram que a linguagem das imagens é um dos mediadores mais eficazes para estabelecer uma relação de prazer, descoberta e conhecimento entre as crianças e o mundo. Além disto, “o imaginário das páginas dos livros infantis é uma das primeiras e uma das mais duradouras influências visuais”, segundo Fawcett-Tang [11].

Na ilustração direcionada para crianças é importante também estar ciente de suas limitações. Hurlburt [17] afirma que para a criança é mais difícil compreender a ilusão de uma terceira dimensão em um plano bidimensional, explicando assim a lentidão que elas apresentam em aceitar a perspectiva nas ilustrações. E Acuff [1] afirma que as crianças entre três e sete anos concentram-se em especial em um ponto mais chamativo sem dar tanta atenção aos outros componentes do campo visual.

Quanto à tipografia existem muitas discussões sobre o que é mais adequado para o público infantil, variando em questão de uma tipografia mais clara e fácil de ler porque as crianças precisam perceber com facilidade as formas da letra e outra visão que acredita que as crianças convivem com

tipos desde antes da alfabetização e estão preparadas para as diversas variações que eles sofrem. Entre as observações a respeito da forma dos tipos, existem algumas bem objetivas como, “As crianças preferem caracteres grandes e espessos”, segundo Araújo [3].

Segundo Araújo [3] além da legibilidade deve-se escolher uma letra que corresponda ao conteúdo, ao espírito, do texto. “A tipografia traz também mensagens não verbais”, segundo Samara [32].

Outra visão interessante a respeito do assunto é a de Hurlburt [17], mostrando que um texto deve sem dúvidas ser legível, mas, mais do que isto, deve ser atraente para despertar o interesse do leitor.

Ainda neste tópico deve-se observar a legibilidade, “a utilização de um espaçamento maior entrelinhas é adequado para as crianças de menor idade, pois a sensação tátil nesse momento é muito importante, pois as crianças tendem a acompanhar a leitura com o auxílio dos dedos”, segundo Lourenço [22]. E na discussão de tipos com ou sem serifa, Lourenço [22] afirma que a escolha por caracteres sem serifa é o mais adequado para leitores iniciantes.

Portanto observa-se uma grande variação de opiniões, mas que podem a grosso modo serem divididas entre as que recomendam especificações a respeito do tipo de letra e aquelas que acreditam que não deve-se subestimar a capacidade dos pequenos leitores.

A respeito da capa Araújo [3], diz ser o elemento extratextual mais importante, pois é ele que fará o contato inicial com o leitor tendo assim a função publicitária do livro. Afirma ainda que a única regra a ser obedecida é a de relacionar o estilo da capa com o conteúdo do livro. Lupton [30] também comenta a função de marketing que a capa possui, referindo-se a ela como logotipo para divulgação.

A capa ainda possui mais uma função importante, Fawcett-Tang [11] comenta que quando o público depara-se com dois livros de conteúdo semelhante este escolherá sempre o mais atraente ao olhar, que ofereça melhor leitura e apresente a informação de forma clara.

### 3.3 A importância do design para o público comprador

Como observa Meireles [23], os livros infantis que mais duraram com o passar do tempo não dispunham de tantos recursos e estudos gráficos, o que realmente importava era a história, estas são atrações recentes. No entanto estas atrações são necessárias e requeridas pelo público hoje, tanto o público final, as crianças como o comprador, os pais. Cada vez mais o design tem se tornado consciente para as pessoas e essencial no momento de decisão e escolha dos bens de consumo. A forma física do livro se torna uma aquisição de bom gosto, status e decoração. É indiscutível o fato de a materialidade deste objeto gerar atração no público e ser o grande impulsor de vendas.

No livro “Consumo Autoral”; Morace [24] indica as megatendências da atualidade, entre elas está o consumo de bens de criatividade, dentre eles encontram-se os livros. Livros são bens de criatividade cultural que hoje são prioridade para muitos, inclusive este consumo já se estendeu até a classe C.

Por outro lado o design vai ter sempre uma influência direta nas pessoas de forma mais inconsciente, todas as escolhas, desde cor, forma, formato, tipografia, em fim, todo o projeto gráfico possui características próprias que geram um impacto emocional no leitor. Desta forma, como afirma Samara [46], estes elementos também devem ser considerados parte do conteúdo, pois ajudam a interpretar a mensagem da publicação.

No entanto de acordo com Salisbury [31], não há nenhuma pesquisa definitiva que possa afirmar qual tipo de imagem é mais atraente e comunicativa para os jovens, o que se sabe é que cores brilhantes e primárias são mais eficazes para os muito jovens; mas existe sempre a dificuldade em pesquisas deste gênero, pois as crianças não têm habilidades de linguagem suficiente para expressarem o que estão recebendo a partir de uma imagem além da questão de tentarem responder o que imaginam que os adultos querem ouvir. Como mostra Vygotsky [33], a dificuldade de expressar com exatidão por que precisamente gostamos de uma obra é comum também entre os adultos; se está é uma emoção difícil de ser compreendida por aqueles que já têm uma maturidade mais avançada, então fica muito mais para os pequenos. Portanto o mundo infantil permanece um mistério para nós.

## 4. PESQUISA DE CAMPO

A partir da pesquisa bibliográfica foram definidas as etapas de pesquisa de campo, sendo elas: depoimento de pais, observação em livreria, análise do estado do design e dinâmica com crianças. Estas pesquisas foram estabelecidas devido à necessidade de comprovação e comparação do comportamento real com o estudado.

### 4.1 Depoimento de Mães

Foram realizadas a coleta individual e filmada de 5 depoimentos de mães, sendo estas de classe média baixa, classe média alta e classe alta. Quanto ao número, idade dos filhos e profissão, observa-se na tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Depoimento Mães.

Mãe	Profissão	Filhos
1	Engenheira de Segurança do Trabalho	2 filhos, 6 e 4 anos
2	Arquiteta	1 filho, 7 anos
3	Advogada	2 filhos, 7 e 4 anos
4	Engenheira de Alimentos	2 filhos, 4 e 2 anos
5	Dona de casa	2 filhos, 19 e 4 anos

Dos 5 depoimentos, as 4 primeiras mães citaram que os filhos demonstram interesse em livros desde bebês e que sempre foram incentivados. Estas 4 mães também observam que os filhos escolhem os livros pelas ilustrações que mais lhe agradam e por quão colorido este é.

A quinta mãe notou que seu filho demonstrou interesse mais tardio por livros, e que este tem uma preferência acentuada por livros relacionados à matemática sem se importar tanto com as ilustrações.

Para todas as mães os livros são usados como um momento em família, e são lidos com frequência na hora de dormir como uma atividade mais calmante. E todas elas dizem comprar livros com frequência tanto para os filhos como de presente para outras crianças.

As mães 1, 2 e 4 relataram que os filhos preferem livros que tenham mais atrativos, como brilhos, texturas, som ou alguma outra forma de interatividade. A mãe 3 relatou que os seus filhos não demonstram interesse por este tipo de livros, preferindo sempre aqueles que possuem a história mais interessante.

A mãe 2 diz tentar direcionar a escolha do filho no momento de compra (tanto pelo tema quanto pelos valores), e a mãe 3 relata escolher os livros conforme o que acha mais coerente com a idade dos mesmos.

## 4.2 Observação em Livraria

Na observação realizada na Livraria Catarinense de Balneário Camboriú, foi possível perceber a preferência das crianças por livros com capas de cores vibrantes e ilustrações chamativas. Estes livros eram os mais escolhidos para serem tirados das prateleiras, nota-se aqui a importância da lombada dos livros, já que quando dispostos em prateleiras é apenas este pequeno pedaço do livro que fica visível.

Ficou claro também o encantamento das mesmas com livros que geram curiosidade, como aqueles que possuem abas com surpresas. As crianças tinham sua atenção voltada primeiramente para as ilustrações, e quando estas eram instigantes elas partiam para a leitura do texto. Algumas crianças interagem com os livros como se os mesmos fossem brinquedos, até mesmo os que não eram projetados para isto, como por exemplo, produzindo falas para os personagens.

Quanto aos adultos tanto pais quanto pessoas que procuram presentes foi possível observar uma preocupação maior com o diferencial que o livro oferece, como por exemplo, brincadeiras, acabamentos e outros recursos gráficos especiais ou conteúdos literários inovadores, e menos com a sua aparência gráfica em relação a cores e ilustrações.

Um ponto interessante observado é que as crianças já possuíam uma forte tendência a serem influenciadas por grupos sociais, como pais, amigos ou apenas outras crianças. Quando uma criança estava envolvida com um livro outras demonstravam interesse pelo mesmo, ou quando um adulto indicava este livro para a criança ela também se mostrava interessada.

## 4.3 Análise do Estado do Design

Na análise dos 35 livros infantis de diversas editoras, foi possível observar uma grande variedade quanto a estilos de traços de desenho, podendo ver até uso de gravuras e texturas, porém estas em uma frequência bem inferior. O uso de cores também é variante, mas em geral a paleta de cores é vibrante.

Tabela 2: Análise Tipografia 1.

Tipografia	Porcentagem de Livros
Caixa Alta	34%
Caixa Mista	66%

Tabela 3: Análise Tipografia 2.

Tipografia	Porcentagem de Livros
Letras com Serifa	20%
Letras sem Serifa	80%

Tabela 4: Análise Formato

Formato	Porcentagem De Livros
Inovador	14%
Tradicional	86%

Em todos os livros percebe-se a preocupação com o tamanho do corpo de letra, mas a relação deste com a imagem fica um pouco esquecida. Com exceção de dois livros, nenhum outro mostra interação entre imagem e texto. Também foram observadas a frequência de uso de caixa alta

e caixa mista, na Tabela 2, e o uso de letras com ou sem serifa, na Tabela 3. E ainda, foi tabelada a frequência de inovações em formato do livro como objeto (Tabela 4).

## 4.4 Dinâmica com as crianças

A Dinâmica realizada no dia 06 de setembro de 2012, na Escola Aster de Balneário Camboriú, procedeu de forma individual com crianças entre cinco e sete anos. As crianças eram submetidas a três etapas de escolha entre três livros, e por fim a escolha entre duas técnicas de ilustração. Ao todo 37 crianças participaram da dinâmica, sendo treze crianças de sete anos, doze de seis anos e doze de cinco anos.

Na primeira etapa, onde as crianças deveriam observar as capas dos livros, "O ursinho marrom e os números" (contendo acabamento gráfico com papel brilhante, cores vivas, ilustração viva e com poucos elementos), "Os veículos" (formato diferenciado circular, ilustração infantil com poucos elementos e cores vivas) e "That's not my bunny" (com aplicação de pluma no coelho, ilustração infantil, poucos detalhes e poucas cores), observou-se uma preferência geral pela capa do terceiro livro devido ao aplique que deixava segundo as próprias crianças o coelho "fofinho" e instigava o toque imediato da pluma, (figura 5) este caso foi preferência tanto por meninos quanto meninas exceto nos meninos de cinco anos que tiveram preferência acentuada pelo livro "os veículos", onde foi possível notar uma atração pelo tema do livro.

Nesta primeira etapa da dinâmica a escolha dos livros foi direcionada para exemplares que possuíssem um recurso gráfico especial na capa. A que obteve maior destaque foi a capa que permitia interação, mesmo em um grau relativamente baixo, mas ainda assim que proporcionava a exploração do tato.



Figura 5: Criança observando as capas

A segunda etapa constituía na observação da ilustração dos livros, "A foca famosa" (ilustrações infantis com cores opacas e poucos detalhes), "Buu! Te assustei!" (da Coleção Charlie e Lola, conhecida pelo uso de fotos e texturas reais misturadas com as ilustrações de traço bem infantil e muitas cores vivas) e "Capitão Cueca e a fúria da fascionorosa mulher tentacular" (capa colorida e muito rica em detalhes, interior em preto e branco). No geral as crianças elegeram como livro preferido, o "Buu! Te assustei!", mas nesta etapa observou-se um receio das meninas frente ao livro "Capitão Cueca" devido a temática muito masculina, já para os meninos não houve tanta distinção de gênero perante os livros. Conclui-se, portanto que as crianças gostaram mais do livro que era mais inovador quanto à linguagem, importando-se menos com as cores (figura 6).

Nesta etapa a escolha dos livros proporcionava uma análise mais detalhada quanto à preferência por diferentes tipos de ilustrações e cores.

A terceira etapa utilizava os livros “A galinha e o Coelho vão de compras” (muito colorido e rico em detalhes, com abertura diferenciada e quebra-cabeças), “Na Selva” (muito colorido e com acabamentos gráficos destinados para a criança espionar a próxima página) e “Procurando os Piratas” (ilustração aquarelada com abas e pop-up).



Figura 6: Criança observando as ilustrações

Esta etapa foi muito interessante, pois as crianças demonstraram muito mais interesse por estes livros do que pelos anteriores devido as diferentes formas de interação, muitas ficaram encantadas e surpresas, e, a maioria interagiu com as propostas de cada livro. No livro dos quebra-cabeças todas as crianças demonstraram grande dificuldade com a forma de abertura do livro, mas ficavam maravilhadas quando viam a forma que ele se desenvolvia. O livro “Na selva” teve sua interação prejudicada pela falta de tempo para a leitura do mesmo, fazendo com que as crianças não entendessem para que serviam os buracos em cada página (imagem 7).

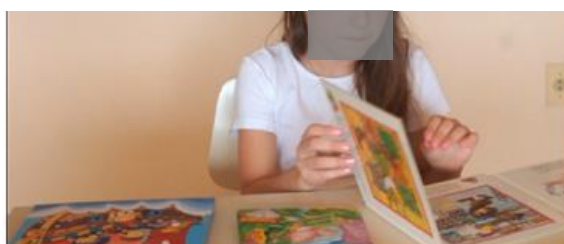


Figura 7: Criança observando as interações

O livro de maior destaque desta etapa foi o “Procurando os piratas”, foi nítida a curiosidade gerada pelas abas e a surpresa com o pop-up, mas o livro dos quebra-cabeças quase atingiu o primeiro lugar e gerava uma vontade imediata de brincar.

Sendo assim a terceira etapa apresentava livros interativos que permitiram a análise da reação das crianças perante os mesmos em relação aos livros mais tradicionais que já haviam sido apresentados e a reação individual perante cada um dos livros e seus diferentes graus de interação.



Figura 8: Criança escolhendo ilustrações.

Na última etapa as crianças observaram duas ilustrações, sendo a primeira uma ilustração desenhada manualmente e colorida digitalmente e a segunda uma mistura desta técnica com fotografia. 83,7% das crianças preferem a ilustração com fotografia (figura 8).

Esta etapa sugeria uma análise mais direta e conclusiva perante a preferência por ilustrações tradicionais ou inovadoras.

As crianças demonstraram que o interesse por livros lúdicos é muito maior pois estes são mais instigantes do que livros de conto convencionais, a proximidade com os brinquedos gera uma vontade quase que imediata da brincadeira. A preferência por ilustrações inovadoras também se mostrou muito importante na percepção dos gostos infantis.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DA PESQUISA

A dinâmica com as crianças revelou muitas observações interessantes que quando confrontados com o depoimento das mães confere em alguns pontos, mas, em outros acaba destoando, por exemplo, as mães acreditam que os seus filhos preferem os livros com as ilustrações mais coloridas, mas o que foi observado tanto na livraria como na dinâmica é que a questão das cores é muito válida para a capa (elemento que chama a atenção das crianças para a escolha do livro), mas não faz necessariamente a criança gostar mais ou menos de um livro pelas cores na parte interna; o que se observou é que os atrativos extras como acabamentos e recursos interativos são os elementos que mais seduzem e conquistam-nas. Neste ponto as mães tinham razão, realmente as crianças se sentem mais atraídas a explorar o livro quando este oferece algo a mais para o entretenimento.

Já em questão do tipo de ilustração, a pesquisa de campo mostrou-se muito relevante, as crianças demonstraram grande interesse por aqueles livros que possuíam fotografias e texturas misturadas com a ilustração mais tradicional, acredita-se que esta escolha aconteceu pelo fato do inusitado e inovador.

## 6. CONCLUSÃO

A retrospectiva histórica apresentada ao longo do artigo foi de grande importância para compreender a evolução dos projetos gráficos e da imagem do livro infantil perante o público. As análises de orientações gráficas a respeito da forma dos elementos que compõem um livro foram fundamentais para orientação de como um projeto infantil deve ser. Informações como a de que o lado esquerdo do cérebro (responsável pela parte lógica), ainda não está totalmente hábil entre os 3 e 7 anos, encontradas no livro de Acuff [1], trazem uma compreensão maior da importância da parte visual dos livros para o desenvolvimento e entendimento das crianças.

Hill [16] previa a tendência de Prematuridade, e que hoje já é uma realidade, as pessoas acham que a maturidade é uma fase problemática que deve ser atacada, e ultrapassada o mais rápido possível por isso, fazemos com que as crianças comecem suas vidas cada vez mais cedo; isto se reflete muito na educação e conseqüente na compra de livros e incentivo da leitura.

As crianças recebem o incentivo dos pais e da escola, mas também do meio. A diversidade de alternativas de entretenimento é desleal perante as opções de aprendizado, é aqui que o livro tem grande possibilidade de se destacar. Aos olhos da criança o livro deve parecer mais um momento de diversão e aos olhos dos pais deve ser um momento de aprendizagem prazerosa. A pesquisa de campo permitiu também observar que a escolha de um livro por eles é muito



influenciada pelos seus gostos gráficos pessoais, mas principalmente pelas inovações e interações que o livro proporciona.

Ao longo deste artigo foi possível verificar alguns estudos e pesquisas que destacam vários pontos que podem ser explorados para alcançar este resultado, mas não existe um caminho único quando se trabalha com crianças e gosto pessoal.

Esta pesquisa serve como base para aconselhamento de futuros projetos infantis, indicando diretrizes visuais e projetais. Do ponto de vista comercial e atrativo é fundamental o uso de inovações visuais e interações lúdicas.

Por fim o objetivo deste trabalho foi alcançado notando-se o quão importante é o fator visual para a escolha e feição com o livro, e a grande preferência infantil por ilustrações inusitadas como a mistura de fotografia com desenho e a possibilidade de interação como pop-up e quebra-cabeças. Pesquisas realizadas unicamente com livros interativos seriam interessantes para esclarecer melhor qual tipo de interação às crianças preferem, bem como pesquisas direcionadas para a diagramação dos livros.

### AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Escola Aster® de Balneário Camboriú por ter permitido a realização da dinâmica com seus alunos, aos pais que participaram e aos que consentiram a participação dos filhos na pesquisa. Também agradecem a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina e a Univali pela bolsa de iniciação científica concedida ao projeto.

### REFERÊNCIAS

- [1]. ACUFF, Daniel. What kids buy and why. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1999.
- [2]. ACUFF, Daniel. Market Smart. Nova Iorque: Collins Design, 2009.
- [3]. ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro. São Paulo: Lexikon, 2008.
- [4]. BLESSA, Regina. Merchandising no ponto-de-venda. São Paulo: Atlas, 2006.
- [5]. BRUINI, Eliane. Educação no Brasil. 2012 Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao/educacao-no-brasil.htm>> Acesso em: 16/03/12
- [6]. CARPEGIANI, Fernanda, ECHEVERRIA, Malu. Especial. Por dentro do cérebro do seu filho. Revista Crescer, 2012, nº225, agosto.
- [7]. COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil - teoria, análise, didática. 7.ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- [8]. COELHO, Nelly Novaes. O Conto de Fadas: Símbolos, Mitos e Arquétipos. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.
- [9]. DONDIS, Donis. Sintaxe da linguagem visual. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- [10]. FARINA, Modesto, PEREZ, Clotilde, BASTOS, Dorinho. Psicodinâmica das cores em comunicação. 5. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.
- [11]. FAWCETT-TANG, Roger. O livro e o Designer I. São Paulo: Rosari, 2007.
- [12]. FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- [13]. GOMES FILHO, João Design do Objeto. São Paulo: Escrituras, 2006.
- [14]. HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir livros. São Paulo: Rosari, 2007.
- [15]. HENDEL, Richard. O design do livro. São Paulo: Rosari, 2007.
- [16]. HILL, Sam. 60 tendências em 60 minutos. São Paulo: Futura, 2003.
- [17]. HURLBURT, Allen. Layout: o design da página impressa. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1986.
- [18]. KAPER, Augusto. Vendas de livros infanto-juvenis cresce e segmento ganha destaque no país. 2011, Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2011/05/venda-de-livros-infanto-juvenis-cresce-e-segmen-to-ganha-destaque-no-pais.html>> Acesso em: 29/08/12
- [19]. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- [20]. LINS, Guto. Livro Infantil?. São Paulo: Rosari, 2004.
- [21]. LOTURCO, Camila. Livro Infantil Representa 35% do Mercado. 2003. Disponível em: <http://mundoquele.ofaj.com.br/Textos/Noticia6.doc>. Acesso em: 20.08.2012.
- [22]. LOURENÇO, Daniel Alvares. Livro Infantil: Análise sobre a Diagramação e o uso da Tipografia. V CIPED, São Paulo, 2009.
- [23]. MEIRELES, Cecília. Problemas da literatura infantil. 2.ed. São Paulo: Summus, 1979.
- [24]. MORACE, Francesco. Consumo Autoral. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2009.
- [25]. MOREIRA, Mário. Mercado de livros infantis exhibe vigor, apesar de games e internet. 2011, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/988919-mercado-de-livros-infantis-exibe-vigor-apesar-de-games-e-internet.shtml>>. Acesso em: 29/08/12
- [26]. NECYK, Barbara Jane. A relação da imagem e da palavra no livro infantil. In: 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Curitiba, 2006.
- [27]. NODELMAN, Perry. Words about images. The Narrative art of Children's Picture Books. Athens: Georgia Press. 1998.
- [28]. PONTE, Marília Cauduro. Reflexões sobre Design Gráfico de livros para crianças em processo de alfabetização. São Paulo: SENAC, 2006
- [29]. POWERS, Allan. Era uma vez uma capa: História Ilustrada da Literatura Infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- [30]. ROMANI, Elizabeth. Design do Livro-Objeto Infantil. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2011.
- [31]. SALISBURY, Martin e STYLES, Morag. A Brief History of Children's Picture Books and the Art of Visual Storytelling. London: Laurence King Publishing, 2012.
- [32]. SAMARA, Timothy. Guia de Design Editorial: Manual prático para o design de publicações. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- [33]. VYGOTSKY, Levy. Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- [34]. VYGOTSKY, Levy. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 6. ed. São Paulo: USP, 1998.
- [35]. WEISZ, TELMA. Fala, mestre! Depoimento. Nova Escola. Abril 2012, nº251.
- [36]. ZIMMERMANN, Anelise. As ilustrações de livros infantis: O ilustrador, a criança e a cultura. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.